

A IMPRENSA COMUNISTA NA “CAMPAINHA CONTRA UTILIZAÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS” EM FORTALEZA (1950-1951)

Natália de Assis Barbosa

O presente trabalho pretende analisar através dos jornais comunistas *Diário do Povo* e *O Democrata* como os comunistas desenvolveram na cidade de Fortaleza- CE a campanha contra o uso de armas atômicas, a qual ficou conhecida pela expressão "Apelo de Estocolmo". A referida campanha foi incorporada ao Movimento pela Paz em março de 1950, com a realização da terceira sessão plenária do Comitê Mundial dos Partidários da Paz, em Estocolmo, que tinha o objetivo de realizar em todo o mundo diversas campanhas de natureza pacifista. Seguindo a linha pacifista do Partido Comunista da União Soviética, a campanha era dirigida a todos os partidos comunistas, cujo objetivo era obter assinaturas para formação de abaixo-assinados contra o uso da bomba atômica e a eliminação dos arsenais atômicos existentes até aquele momento. O apelo mobilizou milhões de pessoas em todo o mundo nos anos de 1950 e 1951, com grande repercussão nas cidades cearenses, sobretudo, na capital do Estado Fortaleza.

Palavras chaves: Imprensa comunista, comunismo, campanha pela paz.

The actual research intends to analyze through newspaper communists *Diário do Povo* and the *O Democrata* how communists developed in the state of Ceará, Brazil a “Campaign” against the use of atomic weapons, which is know for the expression “Stocolm Appeal”. This “Campaign” was incorporated to the “Peace Moviment” of march, 1950, with the Third Plenum of World Comittee of peace supporter, in Stocolm, wich aims to carry to carry out allover the world many pacifists campaign in its nature. Proceeding the pacifista line of the USSR communist party, the campaign was addressed to all members of the communist party, which main objective was to get signatures for a petition against the use of atomic weapons and the elimination of the accumulated nuclear weapons by that time. The Apeal rallied hundred of Thousand of people around the world in 1950 and 1951, with some repercussion in the cities of Ceará, especially in the state capital, Fortaleza.

Keywords: Communist press. Communist. Peace Moviment.

INTRODUÇÃO

Na manhã do dia 6 de agosto de 2015 milhares de pessoas se reuniram no Parque Memorial da Paz em Hiroshima, para homenagear as vítimas do lançamento da primeira bomba atômica que completava o 70º aniversário.

*O dia no Japão foi marcado por muitas lembranças daquele 6 de agosto de 1945. Especialmente em Hiroshima, alvo da primeira bomba nuclear usada na história. Representantes de quase cem países participaram da cerimônia. Nos discursos, os pedidos pelo fim das armas nucleares.*¹

Podemos perceber que o aniversário de lançamento da bomba atômica na cidade de Hiroshima traz algumas discussões acerca da eliminação das armas nucleares. Segundo a página online do Centro Regional de Informação das Nações Unidas (UNRIC), no ano de 2009, o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) Ban Ki-moon declarou que a lembrança da catástrofe causada pela bomba atômica “lançada há 64 anos pelo exército americano sobre a cidade japonesa de Hiroshima deve dar um novo ímpeto aos esforços que visam eliminar as armas nucleares no planeta”.²

No entanto, o interesse pelo desarmamento total não se constitui uma novidade para o mundo contemporâneo. A Guerra Fria entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA), surgida após a Segunda Guerra Mundial, “dominou o cenário internacional na segunda metade do século XX. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade”³.

No início da década de 1950, militantes comunistas de diversas partes do mundo lançaram-se numa campanha com o objetivo de proibir o uso da bomba atômica e pedir a eliminação dos arsenais atômicos existentes até aquele momento. O movimento, que ficou conhecido pela expressão “Apelo de Estocolmo”, fazia parte do chamado “Movimento pela Paz”.

A União Soviética, sob a liderança de Stálin, a partir de 1947, lançava aos partidos comunistas uma “nova linha geral”.

¹ G1- *Globo.com*. São Paulo, 06/08/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/08/japao-lembra-os-70-anos-das-bombas-de-hiroshima-e-nagasaki.html>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

² *Centro Regional de Informação das Nações Unidas (UNRIC)*. 6/08/2009. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/25452>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução: Marcos Santarrita., p. 223.

A nova perspectiva consistia em formar uma ampla frente antiamericana, visando impor aos Estados Unidos um arranjo mundial que fosse satisfatório aos interesses soviéticos e que permitisse, em maior amplitude, o obter o controle da corrida armamentista, assim como barrar o desenvolvimento armamentístico estadunidense, proporcionando, ao mesmo tempo, o avanço das pesquisas nucleares soviéticas. Assim, o movimento organizado que obteve maior destaque dentro dessa “nova linha” geral foi o chamado Movimento pela Paz⁴.

O “Movimento pela Paz” tinha como objetivo realizar campanhas de natureza pacifista em todo mundo. Iniciou-se, primeiro em agosto de 1948, na Polônia, durante o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, e segundo, quando foi realizado o Congresso Nacional dos Combatentes da paz. Todavia, vale destacar que o maior responsável pela divulgação do “Movimento” em todo o mundo foi o I Congresso Mundial dos Partidários da Paz, realizado em Paris e em Praga em abril de 1949⁵.

Com a realização da Terceira Sessão plenária na cidade de Estocolmo, em março de 1950, é que a “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas” foi inserida ao “Movimento pela Paz”. A “Campanha” que ficou conhecida pela expressão “Apelo de Estocolmo” visava obter assinaturas para formação de abaixo-assinados contra utilização da bomba atômica, mobilizando milhões de pessoas em todo o mundo nos anos de 1950, sendo que foram os comunistas os que mais se engajaram, procurando esclarecer para as pessoas os efeitos devastadores da bomba atômica, para assim, obter tais assinaturas e conseguir o apoio da população.

Cada país ficava responsável por uma cota de assinaturas a favor do “Apelo”. Ao Brasil cabia a cota de 4.000.000 assinaturas que deveriam ser coletadas e entregues no II Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, a ser realizado de 21 a 23 de outubro daquele ano, para, futuramente, serem encaminhadas ao II Congresso Mundial da Paz, em novembro, na cidade de Sheffield, Inglaterra. Para melhor conquistar sua cota, o partido dividiu o Brasil em cinco grandes grupos⁶, redistribuindo uma nova cota de assinaturas⁷.

⁴RIBEIRO, Jayme Fernandes. **Combatentes da Paz:** Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1990. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011, p.21.

⁵Segundo Jayme Ribeiro, o Congresso Mundial dos Partidários da Paz foi realizado em dois lugares diferentes pelo fato do governo francês ter proibido a entrada das delegações vindas da União Soviética e dos países socialistas. RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. Cit., p.40.

⁶**1º Grupo:** Estado de São Paulo - 1.500.000 assinaturas; Distrito Federal - 500.000; Minas Gerais - 300.000; Estado do Rio - 320.000; Rio Grande do Sul - 300.000. Total: 3.020.000 assinaturas.

2º Grupo: Pernambuco - 200.000 assinaturas; Bahia - 150.000; Ceará - 100.000. Total: 450.000 assinaturas.

3º Grupo: Espírito Santo - 30.000; Sergipe - 25.000; Alagoas - 35.000; Paraíba - 45.000; Rio Grande do Norte - 25.000. Total: 160.000 assinaturas.

(Os comunistas) Realizaram congressos e comícios, fundaram vários comitês pela paz, além de associações nos bairros, fábricas, clubes e sindicatos, com o objetivo de conscientizar os populares sobre as manifestações pela paz e a finalidade dos abaixo-assinados⁸.

Diante do exposto, buscamos, no presente trabalho, analisar através dos jornais comunistas *Diário do Povo* e *O Democrata* como os comunistas desenvolveram na cidade de Fortaleza- CE a campanha do referido “Apelo”. O período analisado corresponde a março de 1950 até setembro do mesmo ano, período em que se desenvolve toda a “Campanha”.

“A ESPÉCIE HUMANA ESTÁ AMEAÇADA DE DESTRUIÇÃO”: A “CAMPANHA PELA PROIBIÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS” EM FORTALEZA

No dia primeiro de julho de 1950, quatro meses após o lançamento do “Apelo de Estocolmo”, foi criada na Capital do Estado, Fortaleza, a “Comissão Estadual Pela Proibição das Armas Atômicas” (CEPPAA), que contou com a participação de vários municípios cearenses, para organizar o movimento da “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas”, no Ceará, e atingir a cota de cem mil assinaturas que cabiam ao Estado.

Em dois de agosto de 1950, era publicada no jornal fortalezense *Diário do Povo* uma matéria com o seguinte título: “MANIFESTO da Comissão Estadual Pela Proibição das Armas Atômicas ao povo do Ceará”. Como o próprio título da matéria revela, esta vinha divulgando o manifesto da recém-criada “Comissão Estadual Pela Proibição das Armas Atômicas”, destacando que a comissão se propunha a

Analisar aqui no Ceará o mesmo trabalho que vai sendo encetado em diversas unidades da República...como bem diz o seu nome, ela pretende cooperar no movimento universal, levado a efeito por conseguir que a energia atômica seja empregada apenas para fins pacíficos e, nunca mais, para fins guerreiros. A ninguém escapa, portanto, o sentido humanitário

4º Grupo: Santa Catarina - 40.000; Paraná - 50.000; Mato Grosso - 20.000; Goiás - 40.000. Total: 150.000 assinaturas.

5º Grupo: Amazonas - 10.000; Pará - 30.000; Maranhão - 20.000; Piauí - 15.000; Amapá - 5.000; Território do Acre - 5.000. Total: 85.000 assinaturas. VOZ OPERARIA. Rio de Janeiro, 01 de abril de 1950, p. 04, in: RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. Cit., p.40.

⁷ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.23.

⁸ ZENI-LEÃO, Viviane Maria “Partidárias da Paz: mulheres comunistas e a utopia de um mundo novo”- ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1045.pdf>> Acesso em: 12./09/13.

*desse movimento, que não é de um determinado povo, raça, país, facção política ou seita religiosa, mas é de todos sem discriminação.*⁹

Podemos perceber que o jornal tinha uma preocupação em mostrar que o movimento é universal, “é de todos sem discriminação”¹⁰ e tem um grande valor humanitário, não possuindo assim, nenhuma vinculação com determinado partido político.

Em outro artigo do dia 23 de julho de 1950, referente ao “Apelo”, o referido jornal destacava que todos “já sabem que não condena a *priori*, êste ou aquele país, êste ou aquele regime. Pede apenas, ou melhor exige que seja considerado criminoso de guerra o govêrno que primeiro lançar a bomba atômica”¹¹.

Desse modo, todos deveriam apoiar a “Campanha” de assinaturas, uma vez que a utilização de tal arma, segundo o periódico, seria um “um retrocesso da civilização às áreas brutais da selvageria. É um crime contra a humanidade. É alguma cousa que não podemos nem dar o nome de suicídio coletivo (...) lutar contra tal calamidade é pois, um dever de auto defesa”¹².

Com objetivo de mostrar que o “Apelo” contra utilização da bomba atômica já vinha sendo assinado por várias pessoas, em seguida, a matéria vinha destacando que tanto no Brasil, como fora do país, a campanha já vinha contando como o apoio de escritores, artistas, cientistas, católicos, espíritas e ateus.

Para conseguir obter a cota de assinaturas destinada ao Estado, os simpatizante e membros do Partido Comunista no Ceará, lançaram mão de matérias no jornal comunista *Diário do Povo*, ainda que seu fundador tivesse rompido com o PCB¹³, e no periódico *O Democrata*, durante toda a “Campanha”.

O jornal *Diário do Povo*, fundando no dia 18 de outubro de 1947, pelo escritor e professor cearense Jáder de Carvalho¹⁴ (1901-1985), circulava de mão em mão e tinha cada exemplar lido por dezenas de pessoas até o fim da sua circulação em 1961.

⁹ *Diário do Povo*, Fortaleza, 2 de agosto, 1950.nº670.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ *Diário do Povo*, Fortaleza, 23, julho, 1950.nº662.

¹² *Diário do Povo*, Fortaleza, 23 de julho, 1950.nº662.

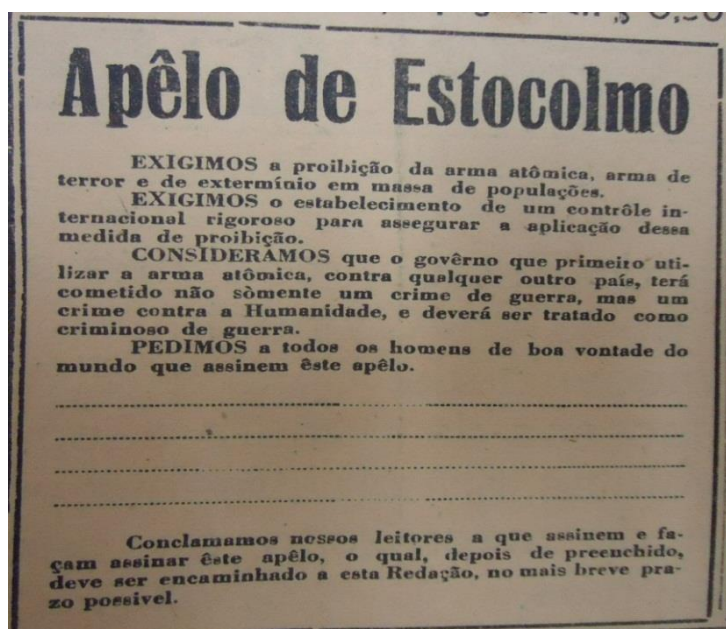
¹³ O fundador do referido jornal deixou o Partido Comunista Brasileiro, juntamente com os outros correligionários, logo que Carlos prestes firmou aliança com Getúlio Vargas. In: MONTENEGRO, João Alfredo. **Jáder de Carvalho e o Diário do povo**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011, p.16

¹⁴ Jáder de Carvalho nasceu no início do século passado (1901), na Serra do Estêvão (Quixadá). Jovem foi para Fortaleza e na cidade “conseguiu estabelecer-se numa multiplicidade de atividades que atestam a envergadura do seu talento. Foi professor, sociólogo, advogado, jornalista e escritor, construindo uma trajetória pessoal que está intrinsecamente ligada à história do Estado e às suas configurações políticas, sociais e literárias”. IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. *Leitura de si, encontro com o outro: identidade e poesia no ensino de literatura*. **Inderdicilinar**, Fortaleza, v. 21, n. , p.59-72, dez. 2014.

Teve como seus primeiros redatores alguns alunos do Liceu do Ceará, como Lúcio Lima, o amazonense Olavo de Sampaio e Deusdedith Souza, futuro mestre do direito penal.

Segundo João Alfredo Montenegro, “foi um jornal que inovou muito a imprensa no Ceará, em virtude das mudanças que ensejou”¹⁵. Quase sempre de seis páginas, o *Diário do Povo* “sempre foi um jornal de oposição (...) sobretudo, um órgão de esquerda, mais do que *O Democrata*, do PCB, que adota uma doutrina mais livre e universal”¹⁶.

Ao longo do “Apelo de Estocolmo”, era reservado em todas as edições do referido jornal um espaço destinado ao colhimento de assinaturas a favor do “Apelo” (reproduzida a seguir), onde era conclamada a assinatura das pessoas, que depois deveriam ser enviadas o mais rápido possível à redação do jornal.



Fonte: jornal *Diário do Povo*. Fortaleza, 27 de julho de 1950, nº 665 p.4.

O jornal deveria obter 500 assinaturas, uma vez que para melhor conquistar sua cota a “Comissão Estadual Pela Proibição das Armas Atômicas” redistribuiu uma nova divisão de trabalhos e finanças para a campanha de assinaturas na cidade de Fortaleza, entre vários Conselhos de Paz (CP), ficando organizado da seguinte forma:

Assinaturas do Apelo de Estocolmo	Finança	Propaganda
-----------------------------------	---------	------------

¹⁵MONTENEGRO, João Alfredo Op. cit., p.16.

¹⁶MONTENEGRO, João Alfredo Op. cit., p.16.

FMC 25.000	Cr\$ 2, 000,00	2 conferências
GEDPEN 10.000	Cr\$ 1, 000,00	-
CJDPC 5.000	Cr\$ 2, 000,00	-
Conselho de Paz de José Bonifácio 2.000	Cr\$ 2,000,00	2 atos públicos
C.P Vila Monteiro 2.000	Cr\$ 2,000,00	-
C.P Jacarecanga 2.000	Cr\$ 2,000,00	-
C.P Fárias Brito 2.000	Cr\$2,000,00	-
C.P Porangabussú 2.000	Cr\$ 2,000,00	-
C.P Marupiara 1.500	Cr\$ 1, 000,00	-
C.P Jardim América 1.000	Cr\$ 1, 000,00	-
C.P Ferroviários 1.500	Cr\$ 2,000,00	-
C.P Arraial Moura Brasil 1.500	Cr\$ 1,000,00	-
Estivadores 1.000	Cr\$ 1,500	-
Vila Brasil 1.000	Cr\$ 5,00	-
Prainha 1.000	Cr\$ 1,000,00	-
Padeiros 500	Cr\$ 1,000,00	-
<i>O Democrata</i> 500		-
<i>Diário do Povo</i> 500		-
CEPAA	Cr\$ 1,500	-
ACDPC	Cr\$ 1, 000,00	-
CEDPEN	Cr\$ 1, 000,00	-

Podemos observar que havia, no município de Fortaleza, vários “Conselhos de Paz” dos bairros, os quais eram responsáveis por uma cota de assinaturas e finanças. É possível verificar que o Jornal *Diário do Povo* exerceu um importante papel na orientação dos “Partidários da Paz”¹⁷, através da divulgação de notícias referente à articulação da “Campanha” no Estado, como nos mostra a página do periódico do dia 5 de agosto de 1950, onde a “Nota Oficial das Tesourarias” informava que,

A Comissão Estadual Pela Proibição das Armas atômicas encarecem a todos os Conselhos de Paz dos Bairros no sentido de que enviem sem mais tardanças suas cotas de finanças para custear as despesas com o Congresso Estadual. Avisamos igualmente que a tesouraria da C.E.P.P.A.A. mantém um expediente diariamente à rua Barão do Rio Branco, 1248, sala 2.

¹⁷Como eram chamados aqueles que participavam ativamente da campanha colhendo assinaturas. Em sua maioria, militantes comunistas

*As cotas podem ser entregues também a escritora Margarida Saboia de Carvalho na redação do Diário do Povo.*¹⁸

Saudações anti-guerreiras

VASCO D. WEYNE – tesoureiro.

Para atingir sua parcela, o *Diário do Povo* ao longo da “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas”, procurava através de suas páginas esclarecer para as pessoas os efeitos da bomba atômica para assim conseguir o apoio da população. Para o periódico, tratava-se de uma campanha com fins altamente humanitários, uma ação generosa que “honra o século”, um “movimento grandioso”.

Em suas páginas, o jornal apresentava uma preocupação com os efeitos da utilização da bomba atômica, a qual era caracterizada pelo mesmo como um meio de “extermínio da população”. E não sem razão, pois como destaca Tácito Rolim¹⁹, à medida que as armas nucleares e seus vetores eram desenvolvidos, projetados, testados, aperfeiçoados e operacionalizados, mais claro ficava que não poderiam ser usadas, uma vez que sua utilização significaria a destruição de toda humanidade, de capitalistas, comunistas e todo o entremeio.

De acordo com Baczko, nesses momentos “a mitologia que nasce a partir de determinado acontecimento sobreleva em importância o próprio acontecimento”²⁰. Para o historiador Eric Hobsbawm,

*À medida que o tempo passava mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da "destruição mútua inevitável" impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária.*²¹

Nessa perspectiva, no dia 3 de junho de 1950, o jornal *Diário do Povo* apresentava uma matéria intitulada “Pela Paz” em um espaço do periódico intitulado “Escrevem os Estudantes”, onde era expressa essa preocupação com uma possível guerra nuclear. Ela destacava que

Nunca uma geração sentiu-se tão ameaçada com a nossa se sente hoje... Agora aqui estamos nós, que cedo sentimos de perto a miséria e o horror de uma guerra, lutando desesperadamente contra a possibilidade de uma outra.

¹⁸ *Diário do Povo*, Fortaleza, 05 de agosto de 1950. N°673.

¹⁹ ROLIM, Tácito Thadeu Leite. **Brasil e Estados Unidos no contexto da “Guerra Fria” e seus subprodutos:** Era Atômica e dos Mísseis, Corrida Armamentista e Espacial, 1945-1960. 2012. 336 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro, 2012, p.11.

²⁰ BACZKO, Bronislaw, 1985 *apud* RIBEIRO, Jayme Fernandes. **Combatentes da Paz:** Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1990. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011

²¹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos:** O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução: Marcos Santarrita., p. 223.

*Nós que tanto desejamos viver estamos na iminência de sermos completamente destruídos. Nós que tanto desejamos nos tornar professores, médicos, advogados, engenheiros, enfim homens e mulheres aptos a viverem num mundo de paz, estamos seriamente ameaçados de nos tornarmos carneiros, soldados e mutiladores. Nossa situação é periclitante; o futuro se nos apresenta incerto e perigoso.*²²

Podemos perceber que a matéria vinha fazendo um apelo aos jovens, sobretudo, aos estudantes, conclamado o apoio dos mesmos à “Campanha”. Notamos que com o intuito de conseguir o apoio das pessoas e obter as assinaturas podemos perceber que era comum em várias páginas do jornal *Diário do Povo* ao longo do movimento um discurso sempre voltado para questão da destruição, da morte e de todo o perigo em caso de uma Terceira Guerra.

No dia 7 de março de 1950 o periódico destacava que

*Estamos mais uma vês frente a certos acontecimentos que poderão levar-nos a uma falta de trabalho ainda maior, a uma situação de fome de miséria. – estamos diante de uma perspectiva mais negra do que aquela anterior ao ano de 1945, quando a maioria dos nossos companheiros ficou sem qualquer meio de ganhar o pão e muitos morreram de tuberculose, por falta de alimentação. Precisamos, portanto, nos preparar para impedir que tal fato se repita - a guerra pesa cada vez mais sôbre as nossas vidas e de nossas famílias .- trata-se de um terrível perigo.*²³

Ao se referir a um possível uso da bomba atômica notamos nas páginas do jornal *Diário do Povo* a recorrente utilização de expressões como, “carnificina Atômica”, “Perigo de eclosão de uma catástrofe mundial”, “suicídio coletivo”, “assassinato indiscriminado”, “extermínio em massa”, “engenho da morte,” provavelmente para mostrar as pessoas os perigos da utilização de tal arma e convencê-las da importância de assinar o “Apelo”.

*Os comunistas brasileiros, principalmente a partir da Guerra da Coréia, manifestavam seus temores e crenças a respeito do que acreditavam representar, verdadeiramente, um iminente perigo nuclear. No imaginário comunista, o conflito na Coréia era o primeiro passo para um confronto direto entre os Estados Unidos e a União Soviética, acarretando, por consequência, um desastre mundial.*²⁴

Segundo, Baczko, o imaginário social “elaborado e consolidado por uma colectividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Todas as coletividades têm os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações²⁵”. Nesse sentido, de acordo com Jayme Ribeiro, “tentando dar respostas a seus conflitos por meio de um imaginário, os

²² *Diário do Povo*, Fortaleza, 24 de junho de 1950. N°640.

²³ *Diário do Povo*, Fortaleza, 7 de março de 1950. N°560.

²⁴ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.14.

²⁵ BACZKO, Bronislaw, 1985, *apud* RIBEIRO, Jayme Fernandes, 2011.

comunistas possuíam a crença de que o único meio de impedir uma desgraça mundial era proibir a ação das bombas atômicas em quaisquer conflitos internacionais²⁶. Para tanto, seria necessário colher as assinaturas do “Apelo de Estocolmo”, como podemos observar através de um artigo do jornal *Diário do Povo* do dia 11 de julho de 1950, o qual destaca que,

*O Diário do Povo não podia ficar à parte dessa magnífica campanha de defesa da sobrevivência da espécie humana, ameaçada pelo terrível engenho da morte, que riscou do mapa em 300 minutos [?] Hiroshima e Nagasaki. Assim é que, a par da publicação do Apelo, pedimos encarecidamente a todos os nossos leitores que o assinem e o façam assinar por outras pessoas, enviando-o a nossa redação, donde encaminharemos para o Rio. Estaremos, assim, cumprindo nosso dever como seres humanos!*²⁷

Também podemos observar que através do discurso jornalístico, os comunistas procuravam criar uma imagem de verdadeiros defensores da paz, enquanto apresentavam os Estados Unidos como os destruidores de vidas humanas. Compreende-se que “os discursos adquirem significados de muitas formas. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir”²⁸.

Faz-se importante considerar ainda que o discurso tem muita força, “possibilita que as ideologias se materializem (...) muitas vezes o indivíduo utiliza-o para mascarar uma realidade, suplantar verdades, garantir posições”²⁹. O filósofo francês Michel Foucault, nos mostra claramente o poder do discurso, o qual ressalta que

*Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Por mais que o discurso seja, aparentemente bem mais pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, sua ligação com o desejo e com o poder. Discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta poder do qual podemos nos apoderar.*³⁰

Assim, um discurso convincente pode influenciar, seduzir, dominar e, por conseguinte passa a ser “objeto de desejo”. Nessa perspectiva, a imprensa comunista

²⁶ Idem.

²⁷ *Diário do Povo*, Fortaleza, 11 de julho de 1950. Nº651.

²⁸ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-142.

²⁹ SOUSA, Simone Aparecida de. Discurso, autor e sujeito dentro da obra “A Ordem do Discurso” de Michel Foucault: uma análise metadiscursiva.

³⁰ FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996, p.10.

através do seu discurso, representava a União soviética como verdadeira promotora da paz, enquanto que os EUA eram representados como responsáveis pela deflagração de um novo conflito mundial.

É importante destacar, todavia, que

*Da maneira que os comunistas procuravam desmascarar os Estados Unidos como os verdadeiros causadores e iniciadores de um novo conflito mundial e como os reais escravizadores da humanidade, através de seu imperialismo, os representantes do governo brasileiro faziam-no da mesma forma. Utilizavam-se, também e inúmeras vezes, dos mesmos argumentos, fazendo nitidamente a oposição Bem versus Mal. Quando de posse dos comunistas, os EUA representavam o mal. Do contrário, a URSS encarnaria as malignas forças.*³¹

O Jornal comunista *O Democrata* também foi um importante instrumento para a difusão do “Apelo de Estocolmo” e desse imaginário social apresentado. O periódico participou de modo bastante significativo na “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas” no Ceará. Assim como o jornal *Diário do povo*, o *Democrata* também deveria conquistar a cota de 500 assinaturas. Para conseguir atingir sua parcela, o impresso também procurava informar seus eleitores acerca dos efeitos desastrosos da bomba atômica, para assim conseguir obter as assinaturas.

Com o objetivo de mostrar as consequências da utilização da bomba atômica e convencer as pessoas a assinarem o “Apelo”, era comum a publicação de matérias no referido periódico fazendo referências ao lançamento da bomba nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. A título de exemplo, no dia 6 de maio de 1950, foi lançada uma matéria destacando em letras garrafais que “Fortaleza poderia ser destruída em um minuto!”.³² Em seguida, a referida matéria vinha ressaltando que “apenas duas bombas fizeram 230 mil vítimas em Nagasaki e Hiroshima – os ianques poderão repetir o crime de 1945 – lutemos pela interdição da arma atômica!”.

Vale salientar que, os efeitos da bomba atômica são inúmeros e os comunistas não denunciavam coisas irrealistas. No livro do jornalista John Hersey, onde é relatada a trajetória de seis sobreviventes da bomba atômica, é possível encontrar depoimentos semelhantes aos narrados pelos comunistas durante a campanha em favor da proibição das bombas atômicas. De acordo com o relato do reverendo Kiyoshi Tanimoto que estava afastado do centro da explosão por mais de três quilômetros, um dos seis sobreviventes entrevistados por Hersey,

³¹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.146.

³² *O Democrata*, Fortaleza, 10 de julho de 1950.

*Um imenso clarão cortou o céu. [...] Parecia um naco de sol. Conseguiu ainda dar dois ou três passos, jogando-se entre duas grandes pedras, agarrando-se firmemente a uma delas. Com o rosto encostado na pedra, não viu o que aconteceu. Sentiu uma enorme pressão repentina e estilhaços de pedra, vidro, madeira e telhas voarem sobre ele. Pensando que uma bomba jogada por um B-29 havia caído sobre a casa, levantou-se e viu a casa completamente arrasada*³³.

É possível verificar que através do jornal *Diário do Povo* e do periódico comunista *O Democrata* as pessoas ficavam sabendo o que havia ocorrido nas cidades japonesas e quais eram as consequências da bomba atômica. Observamos que em ambos os jornais era expressa uma grande preocupação com os efeitos da bomba atômica em uma possível guerra, os quais apresentavam a “Campanha” como um grande ato humanitário, contribuindo significativamente com a sua articulação no Estado.

Vale destacar que, durante o período estudado, percebemos que não havia por parte dos periódicos de maior circulação na cidade de Fortaleza uma preocupação em esclarecer para as pessoas o que era a bomba atômica e quais eram seus efeitos, os quais faziam pouca ou nenhuma referência ao “Apelo de Estocolmo”. De modo que ao pesquisar nos jornais fortalezenses *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *O Nordeste*, *O Povo* e o *Unitário*, encontramos apenas uma referência ao “Apelo de Estocolmo” no periódico *Unitário*.

Contudo, a partir da análise das fontes acreditamos que o maior destaque dado ao episódio de Hiroshima e Nagasaki e aos efeitos da bomba atômica nos jornais *Diário do povo* e *O Democrata* no ano de 1950 pode estar relacionado ao interesse de ambos em convencer as pessoas a assinarem o “Apelo de Estocolmo”.

Por outro lado, como revela Marc Bloch “mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo”³⁴. Dessa maneira, compreendemos que os documentos, como vestígios do passado, precisam ser questionados, no caso, os jornais fortalezenses de maior circulação. Para tanto, levamos em conta as considerações de Peter Burker, o qual ressalta que

*Para entender os mecanismos da memória social, talvez valha a pena examinar a organização social do esquecer, as regras de exclusão, supressão ou repressão e a questão de quem quer esquecer o quê e por quê. Em suma, a amnésia social.*³⁵

³³HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo, Companhia da Letras, 2002, p.7.

³⁴BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do Historiador**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,2001, p.8.

³⁵BURKE, Peter. **Variiedades de História Cultural**. Trad. Alda Porto. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 86.

Desse modo, podemos perceber que os jornais da grande imprensa atuavam no sentido do “fazer esquecer”. Assim, com a análise das fontes, pode-se inferir que os periódicos não comunistas não se preocupavam em mostrar o que havia ocorrido nas cidades japonesas e quais eram os efeitos da bomba atômica devido ao ataque dos EUA – o qual o Brasil era aliado – com a nova arma.

É importante salientar que a divulgação do “Apelo de Estocolmo” no Ceará não ocorria apenas por meio dos periódicos comunistas. Com intuito de conseguir o maior número possível de assinaturas os militantes e simpatizantes comunistas realizavam palestras e conferências distritais e municipais em várias regiões do Estado, comícios relâmpagos, comandos de assinaturas, cartazes, boletins, volantes, apelos impressos, folhetos e entrevistas. Através desses espaços, procuravam esclarecer para as pessoas os efeitos da energia atômica com fins bélicos e destacar a importância do movimento contra sua utilização. Além disso, iniciaram um movimento de finanças, destinado a conseguir fundos indispensáveis a propaganda “Campanha”.

Podemos observar que o “Apelo de Estocolmo” era sempre posto como uma questão de sobrevivência, como é possível verificar na página do periódico *Diário do Povo* do dia 2 de agosto de 1950,

CEARENSES:

*Conjuguem seus esforços e cooperem com a C.E.P.P.A.A. Só egoístas e covardes permanecerão neutros quando está em jôgo a própria sobrevivencia da civilização. A nossa luta é uma luta de todos. É nobre e justa, se nobre e justa não fora, como conseguiria unir à luz do seu ideal, a humanidade inteira, não obstante as diferenciações raciais, ideológicas ou religiosas? Juntem portanto suas vozes(...)*³⁶

A partir da análise das fontes, podemos observar que outras entidades deram seu apoio aos Partidários da Paz, entre elas, a Câmara Municipal de Fortaleza que sob o seu patrocínio realizou uma série de conferências sob o título de “A Humanização da Ciência”, anunciado amplamente pelo jornal *Diário do Povo*, onde explicara entre outros problemas, o da aplicação da energia atômica.

Pode-se perceber que a campanha de assinatura do “Apelo” teve grande articulação na cidade de Fortaleza. Foi montado pela “Comissão Estadual Pela Proibição das Armas Atômicas,” um grupo que ficou conhecido como “Comando Monstro”, para sair percorrendo diversas ruas da cidade para colher o maior número possível de assinaturas a favor do Apelo.

³⁶ *Diário do Povo*, Fortaleza 2 de agosto de 1950. N°670

As mulheres também eram incentivadas a participar da Campanha. “Acreditavam os comunistas que a participação das mulheres era indispensável”³⁷. Um exemplo disso pode ser encontrado na página do jornal *Diário do Povo* do dia 21 de julho de 1950, que dizia que “A felicidade de nossos lares está em perigo”³⁸, destacando que “nós mulheres, devemos todas unidas dizer bem alto que não queremos a guerra”.

Vale salientar que, como mostra o trabalho do historiador Jayme Ribeiro, este incentivo à participação das mulheres não ocorreu apenas no Estado do Ceará. É perceptível em toda “Campanha pela Proibição” das armas atômicas, onde “fica evidente a tentativa de se acreditar numa sensibilidade feminina, num suposto instinto materno, que auxiliasse na adesão à campanha”³⁹.

Desse modo, em uma matéria publicada no dia 23 de maio de 1950 o periódico *O Democrata* dirigindo-se as mulheres cearenses destacava que

*Irmanadas com o pensamento das mulheres de todo o mundo, é que não podemos parar diante de tão séria ameaça. Já estamos cansadas de nossos pais, maridos, filhos, noivos, parentes e amigos saírem para o campo de batalha onde grande percentagem dos que vão não voltam e os que voltam ficam na miséria com raríssimas exceções(..) compete a todo o povo, principalmente nós mulheres, estarmos vigilante e lutarmos por todos os meios, para que exista compreensão no seio da ONU, para que o direito do mais forte não prevaleça como meio para a justiça. Somos esposas, somos mães, somos filhas e sobre nossos ombros recaem todo peso, todas as dores das consequências de uma guerra. Não podemos nos calar, ficar inativas, nestes dias que atravessamos, não devemos permitir o emprego da bomba atômica como arma de guerra.*⁴⁰

Assim, como no restante do país, os interesses da “Campanha pela Interdição das Armas Atômicas” no Ceará misturavam-se com outros de caráter predominantemente nacional, onde ambos se apoiavam, “numa contribuição mútua por lutas reivindicatórias da classe trabalhadora e pela paz”⁴¹. Nessa perspectiva, no dia 17 de março de 1950 o jornal *O Democrata* trazia a seguinte manchete, “Os metalúrgicos defendem: luta geral por aumento dos salários e pela interdição das armas atômicas”. O periódico destacava que

Falando em nome dos metalúrgicos o líder sindical Luiz de Oliveira defendeu inicialmente a necessidade de uma luta sem tréguas por aumento de salários, mostrando que os metalúrgicos vivem numa situação difícil (...) Os metalúrgicos afirmam adiante querer a Paz e repudiam os provocadores

³⁷ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.66.

³⁸ *Diário do Povo*. Fortaleza, 21 de julho de 1950, n° 660 p.4.

³⁹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.66.

⁴⁰ *O Democrata*, Fortaleza, 23 de maio de 1950.

⁴¹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.58.

*de guerra. E sua posição é as vidas de seus filhos. Assinala que durante a última guerra morreram 10 milhões de crianças e um número muito maior ficou ao inteiro desamparo. Numa outra guerra o morticínio seria muito maior. Sustenta que os trabalhadores cearenses devem lutar pela interdição das armas atômicas, como já fizeram milhões de trabalhadores em todo o mundo.*⁴²

Outra questão interessante é que o “Apelo” teve grande repercussão não apenas na capital, mas também no interior do Estado. Segundo o jornal *Diário do Povo*, chegavam diariamente “à secretaria da Associação Cearense em Defesa da Paz e da Cultura e da Comissão Estadual pela interdição da Bomba Atômica, listas preenchidas do Apelo de Estocolmo, o que vem comprovar que as populações sertanejas são contrárias à guerra atômica”⁴³.

É importante lembrar que embora enfrentassem sérias dificuldades, desde 1926 o PCB tinha certa atuação em algumas cidades do interior do Estado. De acordo com o jornal *O Democrata*, apenas entre os dias 10 e 16 de julho recolheram as seguintes assinaturas do interior: de Aurora 50 assinaturas, Barbalha 96 assinaturas, Uruquê distrito de Quixeramobim 63 assinaturas, Crateús 266 assinaturas, Sobral 466 assinaturas, totalizando o número de 935 assinaturas.⁴⁴

Mais à frente, o periódico ressaltava o seguinte: “UMA EXPERIÊNCIA QUE DEVE SER APROVEITADA,” destacava que “o camponês Renato Gomes da Silva, do distrito de Uruquê, município de Quixeramobim, compreendendo a necessidade de se lutar, efetivamente, pela preservação da paz, conseguiu em apenas 3 dias, 63 assinaturas”⁴⁵.

Em uma matéria publicada no referido jornal, no dia 26 de julho de 1950, era relatado que a “Campanha” também teve grande repercussão na cidade de Baturité-CE, a qual havia colhido cerca de 180 assinaturas. Em seguida o periódico dizia que

*Pessoas das mais diversas profissões assinaram o Apelo, destacando-se entre elas as seguintes: o sr. Pedro Mendes Machado, ex-presidente da Câmara Municipal de Baturité, Mario Mendes, presidente do Diretório Municipal do Partido Social Progressista, Raimundo Viana, prefeito Municipal de Baturité e vice-presidente do Diretório da União Democrática Nacional (...).*⁴⁶

Em outra manchete lia-se “QUIXADÁ NA LUTA CONTRA CARNIFICINA ATÔMICA.”⁴⁷ O periódico menciona o total de 180 assinaturas

⁴² *O Democrata*, 17 de março de 1950.

⁴³ *Diário do Povo*. Fortaleza, 26 de julho de 1950. N.º 664.

⁴⁴ *O Democrata*, Fortaleza, 19 de julho de 1950.

⁴⁵ *O Democrata*, Fortaleza, 19 de julho de 1950.

⁴⁶ *Diário do Povo*. Fortaleza, 26 de julho de 1950. N.º 664.

⁴⁷ *Diário do Povo*. Fortaleza, 27 de julho de 1950, n.º 665 p.4.

colhidas apenas na cidade de Quixadá, onde constam os nomes de pessoas de destaque para a cidade como o ex-prefeito municipal Francisco de Almeida Pinheiro, médico da cidade Dr. Eulálio Barroso, vereador da câmara Eugenio Freire Moreira e o delegado de polícia Mateus Viana Filho. É possível verificar que o jornal procurava destacar os nomes de pessoas ilustres da cidade, como foi listado acima. Isso possivelmente ocorria com o interesse de dar certo respaldo a “Campanha” de assinaturas.

Deve-se destacar que, no entanto, a “Campanha” sofreu muita repressão policial, uma vez que

*Para os dirigentes do governo brasileiro, foram os comunistas que inventaram o “Movimento pela Paz” e as campanhas pacifistas subseqüentes, e assim o diziam constantemente. Eles, dessa forma, promoveram todos os movimentos em favor da paz, encarregaram-se de sua propaganda, encheram as assembléias, que davam público aos comícios, decidiram a hora certa de votar moções e manifestos, além de converterem tudo numa ofensiva contra as medidas de defesa e prevenção que os países do ocidente tinham tomado para enfrentar a União Soviética e o avanço dos ideais comunistas em todo o mundo.*⁴⁸

Todavia,

*A campanha pacifista soviética já era esperada pelo governo brasileiro, uma vez que o PCB, posto na ilegalidade no governo Dutra, precisava manter-se na vida política do país. A União Soviética, desse modo, em disputa com os Estados Unidos durante a Guerra Fria, lançava uma nova linha política a ser seguida pelos partidos comunistas do mundo inteiro, a fim de retardarem, ou até mesmo evitarem a perseguição política e policial nos países capitalistas ocidentais aliados aos EUA. O chamado “Movimento pela Paz” não passava, para os dirigentes políticos desses países, de simples e astuciosas transformações da estratégia soviética.*⁴⁹

Nessa perspectiva, através da análise das fontes, podemos notar que a “Campanha” no Ceará passou por grande repressão policial, sofrendo muitas vezes com a proibição de suas reuniões pelas autoridades políticas. No entanto, algumas vezes os militantes e simpatizantes comunistas não acatavam tais proibições e utilizavam-se de alguns meios para driblar a repressão policial, como podemos observar na página do jornal *Diário do Povo* do dia 2 de setembro de 1950, onde é ressaltado que a “polícia de Faustino Rabelo comunicou aos promotores do meeting humanitário que o mesmo havia sido proibido, sem outras explicações. Mas a reunião não se deixou de realizar. Teve lugar na associação dos chauffeurs, revestindo-se do mais completo êxito.”⁵⁰

Além da repercussão do abaixo-assinado na cidade de Quixadá, como foi possível mostrar, podemos perceber que no município a “Campanha” também sofreu

⁴⁸ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.147.

⁴⁹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. Op. cit., p.147.

⁵⁰ *Diário do povo*, Fortaleza, 2 de setembro de 1950. N°695

uma oposição de alguns partidários contrários ao movimento, de acordo com o jornal *Diário do Povo*,

*Os integralistas daquela cidade (Quixadá)... Levaram a efeito encenações nazi-fascistas no momento que o povo assinava o Apelo de Estocolmo. Os torpes provocadores vociferaram que a campanha de assinaturas contra a guerra é coisa dos comunistas.*⁹

Essa representação da “Campanha” como uma propriedade do Partido Comunista e não como uma ação humanitária a favor da paz também pode ser verificada na página do periódico *Unitário* do dia 14 de julho de 1950, a qual trazia uma manchete com o seguinte: “APELO DE ESTOCOLMO”- MAIS UMA DEMAGOGIA COMUNISTA. Segundo o periódico, “a campanha é feita ativamente pelo partido comunista”⁵¹.

Apesar disso, podemos perceber que a “Campanha pela Proibição das armas atômicas” foi fortemente propagandeada pelos partidos comunistas no Ceará, e teve grande repercussão no Estado, sobretudo, em Fortaleza, conquistando sua cota de assinaturas. Desse modo, embora o “Apelo” tenha sofrido com a oposição política e enfrentado repressão policial através das matérias jornalísticas, comícios, conferências, entre outras maneiras, as pessoas ficavam sabendo quais eram os efeitos da nova arma e acabavam colaborando com o “Apelo de Estocolmo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo após a realização do II Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, conforme Jayme Ribeiro,⁵² os dirigentes comunistas interessados em aumentar o número de firmas dos brasileiros estabeleceu que deveriam ser recolhidos mais um milhão de assinaturas, na intenção de demonstrar que os brasileiros seriam capazes de superar a cota dos quatro milhões que lhe fora destinada, contando mais uma vez com o apoio dos partidários cearenses.

O prazo para a entrega das assinaturas foi marcado para o dia cinco de janeiro de 1951, pouco mais de trinta dias após o lançamento da “Campanha”. “Nessa data, seria realizado no saguão do Palácio Tiradentes, às 16:30 horas, um ato solene para o encerramento oficial da ‘grandiosa campanha nacional pela interdição da bomba

⁵¹ *Unitário*, Fortaleza, 14 de julho de 1950.

⁵² RIBEIRO, Jayme Fernandes. **Combatentes da Paz**: Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1990. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011, p.166.

atômica””. Segundo Jayme Ribeiro, de acordo com o jornal *Imprensa Popular*, “uma comissão de personalidades e representantes de várias organizações encarregou-se de levar à Câmara o resultado oficial da apuração das assinaturas ao “Apelo de Estocolmo” – [...] onde 5 milhões de brasileiros clamaram NÃO QUEREMOS GUERRA”.⁵³

A “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas” chegou ao fim, oficialmente no Brasil, em 5 de janeiro de 1951. No entanto, a luta pela paz deveria continuar até que as armas atômicas fossem proibidas e a paz mundial fosse estabelecida e garantida. “Os militantes comunistas de todo o mundo continuariam a levar as palavras de ordem do Conselho Mundial da Paz e deveriam se esforçar para que as atividades do II Congresso Mundial da Paz fossem cumpridas”⁵⁴.

No entanto, ao lançar o olhar retrospectivo sobre os fatos, “arma final do historiador”, como nos lembra Eric Hobsbawm, podemos afirmar que as negociações sobre a proibição das armas atômicas não obtiveram êxito, pois não interessava aos Estados Unidos desarmar-se, uma vez que possuíam uma grande indústria bélica que lhe proporcionava lucros, a qual teria prejuízos econômicos com o controle da produção de armamentos.

Por outro lado, podemos afirmar que embora o “Movimento pela Paz” tenha se mostrado como um meio da União Soviética controlar a corrida armamentista verificamos que a mesma de fato não esperava uma nova guerra e almejava a paz, já que havia sido afetada de modo catastrófico pela Segunda Guerra Mundial, marcando a sociedade soviética por diversas gerações. Além disso, percebemos ainda que a “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas” era uma forma dos comunistas continuarem atuando no campo político brasileiro, uma vez que o partido esteve durante muito tempo na ilegalidade.

Vimos que com estratégias semelhantes a adotadas em outros estados brasileiros, o PCB utilizava recortes de jornal, panfletos, promoviam concursos, conferências para melhor convencer os cidadãos cearenses a assinarem o “Apelo de Estocolmo”. Assim, conclui-se que como em outras partes do país, no Ceará, a “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas” teve grande repercussão, sendo divulgada, articulada e propagandeada, chegando a conquistar sua cota de cem mil assinaturas.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

Além disso, este trabalho nos permitiu perceber que a Guerra Fria teve uma abrangência maior do que imaginávamos. Notamos que em pleno sertão nordestino, onde se tornam tão conhecidas as histórias sobre as secas, sobre os plantios de algodão, as fazendas de gado, construções de linhas férreas, catolicismo fervoroso, as pessoas também estavam envolvidas em questões diretamente ligadas a esse episódio.

FONTES

Instituições de Pesquisa

Biblioteca Pública Menezes Pimentel

Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.

Periódicos

Correio do Ceará, Fortaleza, 1950.

Diário do Povo, Fortaleza, 1950.

Gazeta de Notícias, Fortaleza, 1950.

O Democrata, Fortaleza, 1950.

O Nordeste, Fortaleza, 1950-1951.

O Povo, Fortaleza, 1950.

Unitário, Fortaleza, 1950.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do Historiador**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,2001.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Trad. Alda Porto. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo, Companhia da Letras, 2002.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução: Marcos Santarrita.

MONTENEGRO, João Alfredo. **Jáder de Carvalho e o Diário do povo**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.

IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. Leitura de si, encontro com o outro: identidade e poesia no ensino de literatura. **Inderdicilinar**, Fortaleza, v. 21, n. , p.59-72, dez. 2014.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-142.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. **Combatentes da Paz: Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1990**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

SOUSA, Simone Aparecida de. Discurso, autor e sujeito dentro da obra “A Ordem do Discurso” de Michel Foucault: uma análise metadiscursiva.

ROLIM, Tácito Thadeu Leite. **Brasil e Estados Unidos no contexto da “Guerra Fria” e seus subprodutos: Era Atômica e dos Mísseis, Corrida Armamentista e Espacial, 1945-1960**. 2012. 336 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro, 2012,

ZENI-LEÃO, Viviane Maria “Partidárias da Paz: mulheres comunistas e a utopia de um mundo novo”- ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em:
<<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1045.pdf>> Acesso em: 12.